

ANÁLISE DA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE NOTÍCIAS SOBRE O SUICÍDIO DE LGBTs EM UM JORNAL IMPRESSO DO DISTRITO FEDERAL

ANALYSIS OF THE DISCURSIVE PRODUCTION OF NEWS ABOUT
THE LGBTs SUICIDE IN A PRINTED NEWSPAPER OF THE FEDERAL DISTRICT, BRAZIL

RESUMO

O estudo teve como escopo analisar a produção discursiva da mídia impressa do Distrito Federal acerca do suicídio de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (LGBT). Tratou-se de uma pesquisa documental junto aos acervos do Centro de Documentação do jornal Correio Braziliense, com publicações do período de 01/01/2004 a 20/09/2016. O trabalho deu-se pela combinação de oito descritores no campo LGBT, no singular e plural, associados aos termos “suicídio” e “autoextermínio”. No total, houve a busca de 32 combinações de pares de vocábulos. No material selecionado foi analisada a produção de sentidos em relação ao suicídio LGBT. Observou-se diferenças atribuídas ao comportamento suicida de pessoas homossexuais e transexuais. Entre os homossexuais, o suicídio é descrito como um dos efeitos da discriminação; entre as pessoas transexuais, como resultado de vivência de auto rejeição, o que reforça uma compreensão patologizadora. Ademais, foi verificada a pouca representatividade do autoextermínio de lésbicas, bissexuais e travestis.

Palavras-chave: Suicídio. LGBT. Homofobia. Produção discursiva. Mídia. Jornal.

ABSTRACT

The study analyzed the print media discursive production of the Federal District about the suicide of gays, lesbians, bisexuals and transgenders (LGBT). It was a documentary research with the collections of the Documentation Center of the newspaper Correio Braziliense, with publications from 01/01/2004 to 09/20/2016. The research was done by combining eight descriptors in the LGBT field, singular and plural, associated with the terms “suicide” and “self-extermination”. In total, there were 32 search combinations of word pairs. The production of meanings related to LGBT suicide in the selected material was analyzed. Differences attributed to the suicidal behavior of homosexuals and transsexuals and the low representativeness of the self-extermination of lesbians, bisexuals and travestites were observed.

Keywords: Suicide. LGBT. Homophobia. Discursive production. Media. Newspaper.

Felipe de Baére

Universidade de Brasília - felipebaere@gmail.com

Maria Inês Gandolfo Conceição

Universidade de Brasília - inesgandolfo@gmail.com

Introdução

Em 2003, a Associação Internacional de Prevenção do Suicídio (IASP) propôs que na data de 10 de setembro fosse instituído o Dia Internacional de Prevenção do Suicídio. Desde então, nesse mês, tem sido observado um aumento na frequência de matérias jornalísticas sobre o tema no Brasil. Contudo, o assunto ainda é evitado socialmente, não apenas por envolver um tema tabu como a morte, mas devido a crenças equivocadas em torno do autoextermínio (Ariès, 2012; Botega, 2015). Dentre os mitos relacionados ao suicídio encontram-se afirmações tais como, a de que conversar sobre o desejo de morrer poderia ser um estímulo à concretização do ato, ou que poderia contagiar outras pessoas a manifestar comportamentos suicidas (Associação Brasileira de Psiquiatria, 2014; Organização Mundial de Saúde, 2000). Esse entendimento ficou conhecido como Efeito Werther e tem sua origem no século XVIII.

Após a publicação do romance do escritor alemão Goethe, *Sofrimentos do jovem Werther*, em 1774, no qual o protagonista se mata ao final da obra, houve um aumento considerável de mortes por suicídio nos países onde a história foi publicada. Desde então, pesquisas têm sido realizadas a fim de averiguar a influência do sujeito suicida sobre seus parentes e pessoas próximas, que também passaram a apresentar ideias de morte. Paralelamente, trabalhos também estão sendo produzidos em torno do impacto persuasivo da mídia sobre a população no que tange à divulgação de notícias de suicídio e sua influência sobre novas tentativas de autoextermínio, assim como ocorrera com o livro de Goethe (Almeida, 2000).

Além disso, pessoas próximas a alguém que morreu por suicídio tornam-se vulneráveis à apresentação do comportamento suicida no futuro (Barrero, 2006). Devido ao impacto emocional que acomete essas pessoas, elas são identificadas pelos profissionais de saúde como “sobreviventes” (Tavares, 2013). O suicídio de parentes e de pessoas conhecidas costuma gerar estresse, vivência de culpa, vergonha, raiva, além da possibilidade de mudança da dinâmica familiar, o que pode dificultar a busca e a recepção de auxílio (Silva, 2013).

Em relação ao papel dos meios de comunicação, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou um manual direcionado aos profissionais da mídia, com instruções para a elaboração de textos que abordem o tema do suicídio de forma responsável, focando na prevenção do fenômeno, ao invés da divulgação de notícias sensacionalistas (WHO, 2008). O documento recomenda aos profissionais aproveitar o espaço midiático para educar o público em relação ao suicídio, evitando sua divulgação como a solução de um problema. Além disso, desaconselha noticiar detalhes sobre o método utilizado, bem como o local onde ocorreu o suicídio. No espaço da matéria, a OMS orienta que os jornalistas compartilhem o contato de instituições de apoio e de serviços emergenciais.

A publicação reafirma o entendimento de que o diálogo sobre o tema não deve ser evitado pelos profissionais da mídia, uma vez que a sua omissão também contribui para a perpetuação dos altos índices epidemiológicos de óbitos por suicídio

no mundo (OMS, 2014). Conversar sobre o fenômeno é ação preventiva, sobretudo entre os grupos mais vulneráveis ao comportamento suicida, como os jovens adultos e idosos, grupos étnicos minoritários e pessoas gays, lésbicas, bissexuais e transgêneras (Botega, 2015; OMS, 2014). Em relação ao grupo composto por não-heterossexuais e transgêneros, a suscetibilidade ao suicídio possui um agravante, pois, em muitos casos, o acolhimento ao sofrimento psíquico dessas pessoas é inexistente, não somente nos espaços públicos como também dentro de casa, com a discriminação e a violência por parte dos próprios familiares.

Embora gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros tenham vivências distintas de hostilização, o que todas as violências relacionadas à LGBTfobia possuem em comum é a repreensão das posturas e comportamentos que não estejam enquadrados nos padrões de normalidade de identidade de gênero e orientação sexual. Conforme aponta a filósofa Judith Butler (2015), existe um arcabouço de práticas regulatórias que buscam manter a naturalização da linearidade do trio sexo/gênero/sexualidade, sendo consideradas “normais” a cisgeneridade, ou seja, o gênero em concordância com o sexo biológico, e a heterossexualidade. As ações de correção dos desvios da norma vão desde castigos, ofensas verbais e exclusão social até a violência física e o homicídio, sendo este o comportamento extremo que materializa o ódio inflexível a essa população (Baére, Zanello, & Romero, 2015; Borillo, 2010; Jesus, 2015).

Entre as consequências das agressões e ameaças vividas no cotidiano por pessoas LGBTs está a intensa fragilização da saúde mental. O sofrimento psíquico é uma realidade de muitas pessoas que não se enquadram na heterossexualidade e na cisgeneridade, sendo que o índice de óbitos por suicídio dessa população costuma ser acentuado, conforme aponta a literatura internacional (Grant et al., 2010; Hatzenbuehler, 2011).

O homicídio e o suicídio são dois modos de morte trágicos frequentes entre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros em decorrência da LGBTfobia. Contudo, no Brasil, não é exata a obtenção de números absolutos sobre essas ocorrências, pois os registros de óbitos não apresentam nos dados de notificação os itens orientação sexual, nome social e identidade de gênero. Consequentemente, inexistente a possibilidade de realizar o levantamento de óbitos de pessoas não heterossexuais e, além disso, mulheres trans e travestis são registradas como homens em suas declarações de óbito, enquanto homens transexuais são registrados como mulheres.

Em decorrência da impossibilidade de realizar o levantamento de mortes de pessoas LGBTs no país, grupos têm recorrido a outras vias de produção de informações nesse campo. Entre os meios de investigação atuais, encontra-se a utilização de dados hemerográficos, ou seja, o acervo de jornais e outras mídias periódicas. O aproveitamento das informações veiculadas na imprensa é relevante ao fornecer elementos qualitativos sobre o perfil das violências. Atualmente, os dados hemerográficos de maior reconhecimento advêm de relatórios produzidos pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), experiente associação de defesa dos direitos de homossexuais, fundada em 1980. O GGB tem publicado o levantamento de notícias sobre homicídios de LGBTs na mídia desde 2011.

A pesquisa anual do GGB tem servido para evidenciar o grave contexto de violência à população LGBT no Brasil. Os relatórios com o levantamentos dos homicídios encontram-se no domínio virtual chamado *Quem a homotransfobia matou hoje?*. Em relação ao número de mortes por ano, encontram-se os seguintes dados: 2011 (266); 2012 (338); 2013 (314); 2014 (331), 2015 (319) e 2016 (343). Apesar dos altos índices, assim como ocorre com as informações dos órgãos públicos, os analistas de dados do GGB também reconhecem que os números apresentados estão distantes da representação efetiva da realidade dos assassinatos aos LGBTs no país. Ainda é escasso o investimento em pesquisas mais complexas, que sejam compostas por um número maior de profissionais envolvidos na realização de uma investigação abrangente.

Informações sobre o número de óbitos de LGBTs por suicídio e a averiguação do posicionamento da imprensa em relação ao fenômeno, assim como já ocorre com os homicídios, é uma forma de pressionar o investimento em políticas públicas para a prevenção de mortes violentas dessa população. Contudo, enquanto não houver alteração do atestado e da certidão de óbito e não se dispor de registros estatísticos consistentes, as informações sobre o suicídio de pessoas LGBTs também podem ser investigadas pelo método hemerográfico.

Devido à importância do levantamento da frequência de notícias e da apreciação das informações qualitativas em matérias que deem destaque à população LGBT (Diniz & Oliveira, 2014), o presente trabalho teve como objetivo analisar a produção discursiva da mídia impressa do Distrito Federal (DF) acerca do suicídio de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. O intuito não foi o levantamento do número de suicídios da população LGBT do DF por meio de notícias, mas de observar a frequências dessas temáticas em reportagens da mídia impressa analisada e investigar a forma como o periódico produz sentido sobre o suicídio LGBT.

Método

Trata-se de uma pesquisa documental no acervo de dados do Centro de Documentação (Cedoc) do Correio Braziliense, onde estão arquivadas todas as edições impressas e digitalizadas do jornal. Propriedade dos Diários Associados (DA), o Correio Braziliense é o veículo de comunicação impresso mais popular do DF, com uma média de circulação diária de 57.290 exemplares, de acordo com as informações encontradas no site dos DA. Através do sistema de pesquisa institucional, foram realizadas buscas por notícias publicadas no período de 01/01/2004 a 20/09/2016.

A escolha desse intervalo temporal deu-se por dois motivos. Foi em 2003 que a IASP instituiu o Dia Internacional de Prevenção do Suicídio. Além disso, em 2004, o governo brasileiro lançou o programa Brasil Sem Homofobia, um marco em políticas públicas para a população LGBT. A pesquisa, desse modo, incluiu 12 anos de comemoração do Dia Internacional de Prevenção do Suicídio e dois anos do “Setembro

Amarelo”, campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio, iniciada no DF em 2014. Desde então, nesse mês, tem sido recorrente a divulgação de matérias jornalísticas que abarquem temáticas relacionadas ao suicídio.

No sistema de pesquisa de edições digitalizadas do jornal impresso, que envolve publicações desde o mês de junho de 1999 até o momento presente, foram realizadas buscas com pares de palavras, de forma que ambas estivessem presentes em qualquer notícia na página do veículo impresso apresentada como resultado. Primeiramente, elegeu-se um grupo de termos relacionados ao campo LGBT: “homossexual”, “gay”, “lésbica”, “bissexual”, “travesti”, “transexual”, “transgênero” e “LGBT”. Em seguida, cada um desses termos, bem como seus formatos no plural, foi associado aos vocábulos “suicídio” e “autoextermínio”, o que totalizou 16 buscas com os pares envolvendo “suicídio” e 16 com os pares compostos por “autoextermínio”, totalizando 32 combinações de pares de vocábulos.

Em relação ao grupo de vocábulos relacionados ao campo LGBT, cabe ressaltar que as palavras “homossexual”, “bissexual” e “transexual”, na ferramenta de pesquisa, também incorporam suas derivações no produto das buscas, como “homossexualidade”, “bissexualidade” e “transexualidade”.

Os resultados das buscas eram disponibilizados por páginas do jornal. Nesse sentido, foram desconsideradas as publicações em que os pares de palavras não estivessem na mesma notícia ou que não se relacionassem tematicamente dentro da matéria. Os conteúdos relativos às editoriais de cultura, nas quais os termos encontrados fossem parte da síntese de roteiros ou de críticas de arte, também não foram incluídos.

Além da apresentação e da descrição dos resultados, foi realizada a análise da produção discursiva das notícias a partir da perspectiva construcionista (Spink, 2004), que compreende o conhecimento como produto de um espaço e tempo, no qual os discursos são construídos através do intercâmbio social (Gergen, 2009). Com o auxílio de teorias presentes nas obras de Michel Foucault *Arqueologia do Saber* (2008) e *A Ordem do Discurso* (2014), buscou-se averiguar o modo como os saberes e a produção de sentidos dos enunciados jornalísticos em torno do tema *suicídio LGBT* são apresentados nas matérias, as relações de poder por trás da seletividade dos grupos que serão noticiados, as bases que legitimam os discursos e que viabilizam sua difusão e perpetuação na sociedade em um determinado período histórico.

Resultados e discussão

Dentre as 16 consultas realizadas com o termo “autoextermínio”, apenas foi identificada uma publicação, do dia 19 de setembro de 2016. Nessa matéria, que aborda o aumento do suicídio entre os jovens no mundo, encontram-se as palavras “homossexuais”, “bissexuais” e “transgêneros”, que se referem no texto aos indivíduos mais vulneráveis ao comportamento suicida. A rara presença do vocábulo “autoextermínio” se deve ao seu desconhecimento, pois “suicídio” ainda é o termo

habitual utilizado para expressar o desejo de morrer. Contudo, por se tratar da notícia mais recente do período pesquisado, é possível que a utilização dessa palavra denote uma tentativa de apropriação do discurso científico nesse campo por parte dos produtores da informação.

Na busca pelo vocábulo “autoextermínio” na mesma ferramenta do jornal, sem associá-lo a nenhuma palavra, o resultado é de apenas sete publicações. Em relação ao suicídio, a mesma busca sem a combinação de palavras apresenta 3.100 resultados.

Em decorrência dos critérios de exclusão e do número limitado de matérias encontradas na pesquisa das duplas de palavras, foram analisados somente os seguintes pares: “suicídio” e “homossexual(is)”; “suicídio” e “gay(s)” e “suicídio e “transexual(is)”. Os demais não obtiveram números expressivos de notícias, tampouco conteúdos que pudessem ser avaliados e comparados entre si. O baixo ou inexistente número de resultados relacionados às lésbica(s), bissexuai(s) e travesti(s) pode indicar uma reafirmação da pouca representatividade desses grupos nos meios de comunicação (Froemming & Bacci, 2014).

A escassez dos resultados com a presença do termo “lésbica” pode ser apontada como reflexo do contexto social, que busca desestimular a representação identitária das mulheres que não seja aquela subserviente ao homem na conjugalidade (Swain, 2002). A divulgação da imagem da mulher no contexto erótico, por exemplo, costuma ocorrer através da exposição objetificada de seus corpos para o consumo de homens (Adams, 2012; Wolf, 1992). A própria relação lésbica é exposta em contextos sexuais de forma fetichizada, como possibilidade de o homem experimentar o sexo com duas mulheres concomitantemente (Rich, 2010).

Em relação aos sujeitos bissexuais, a concepção binária e reducionista que classifica a heterossexualidade e a homossexualidade como polos opostos das orientações sexuais possíveis acarreta na desconsideração das demais formas de expressão afetiva e erótica. A bissexualidade, nesse sentido, é entendida como uma fase de experimentação antes da identificação conclusiva com uma das duas possibilidades de orientação sexual. Essa compreensão faz com que as pessoas autodeclaradas bissexuais sofram discriminações e sejam mal compreendidas, por colocarem em xeque a predominância do dualismo homo e hetero (Rust, 2002).

O posicionamento fronteiro da bissexualidade e os mecanismos de controle que buscam encaixar sujeitos autodeclarados bissexuais nas categorias binárias são análogos às vivências da população travesti sob a perspectiva da identidade de gênero. Por se identificarem com o gênero feminino, mas não manifestarem o desejo de serem mulheres, assim como ocorre entre muitas mulheres transexuais, as travestis suscitam ambiguidade em relação aos signos atribuídos às masculinidades e às feminilidades, bem como à inteligibilidade corpórea (Benedetti, 2005). Por não terem o desejo de enquadramento físico e identitário nos padrões cisnormativos (Bagagli, 2016) presentes no discurso da medicina, as travestis costumam ser consideradas corpos abjetos (Butler, 2016). Consequentemente, são mais violentadas e marginalizadas em comparação às mulheres transexuais (Barbosa, 2013).

Foucault (2008) compreende o discurso como práticas discursivas aliadas aos contextos econômicos, políticos e sociais de determinado recorte histórico. Nesse sentido, é possível que a baixa representatividade de lésbicas, bissexuais e travestis na pesquisa seja corolário de ações institucionais. Ampla parcela da mídia, por esse ângulo, atua na manutenção de padrões normativos através da naturalização do machismo, que desqualifica o relacionamento afetivo e erótico de mulheres que não envolva a presença de um homem. Além disso, a mídia também reforça concepções dualistas (homem/mulher, masculinidade/feminilidade e homossexualidade/heterossexualidade), que não abarcam outras orientações sexuais e identidades de gênero não binárias.

O total dos resultados fornecidos pelo Cedoc do Correio Braziliense encontra-se representado na Tabela 1. Nela, constatam-se as baixas frequências (nula ou única) dos termos “lésbica(s)”, “bissexual(is)”, “travesti(s)” e “transgênero(s)” e “LGBT(s)”. Além disso, é possível evidenciar a inexistência de matérias na maioria das combinações que envolvem o termo “autoextermínio”.

Tabela 1: Resultado das consultas no sistema de acervos digitais do Correio Braziliense

	Autoextermínio		Suicídio	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Lébrica(s)	0	0	5	14
Gay(s)	0	0	77	34
Homossexual(is)	1	0	62	43
Bissexual(is)	0	1	2	6
Transgênero(s)	0	1	0	8
Travesti(s)	0	0	10	7
Transexual(is)	0	0	24	10
LGBT(s)	0	0	10	1

Foram analisadas seis matérias que dão maior destaque à homossexualidade, com a presença dos termos “homossexual(is)” e/ou “gay(s)”, cujos conteúdos tratam de assuntos diversos. A mais antiga, do dia 23 de agosto de 2009, na editoria Mundo, aborda a homofobia fundamentalista, sobretudo nos países que vivem sob regimes teocráticos. Nela, o termo suicídio aparece uma única vez, como consequência dos preconceitos sofridos nessas nações. A notícia publicada no dia 24 de novembro de 2010 na editoria Brasil, por sua vez, discorre sobre a polêmica em torno da proposta de distribuição de material contra preconceito nas instituições escolares. Em um trecho que apresenta os resultados de uma pesquisa feita em 11 escolas de capitais brasileiras, o suicídio é apresentado como uma das consequências da homofobia: “estudo mostrou quadro de tristeza, depressão, baixo rendimento escolar, evasão e suicídio entre os alunos gays, da 6ª à 9ª séries, vítimas de preconceito”.

A terceira matéria mais antiga é de 17 de setembro de 2011, a respeito da expectativa de participantes na 14ª Parada do Orgulho LGBT de Brasília. Nesse pequeno

texto da editoria Cidades, o suicídio é mencionado apenas uma vez, relacionado à expressão “orientação sexual”. Nas duas notícias seguintes, o assunto principal é a homofobia e a necessidade de seu enfrentamento, sendo o suicídio também referido em uma única ocasião em ambas. Na primeira, do dia 28 de maio de 2012, o tema abordado é a questão do *bullying*, com o relato de pessoas que sofreram violências no período escolar. A segunda, do dia 19 de maio de 2014, abrange a página inteira da capa da editoria Ciência e discorre sobre uma pesquisa realizada pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo acerca da permanente dificuldade de assunção da orientação sexual por parte da população não-heterossexual. De acordo com a pesquisa, embora exista maior abertura social para assumir a homossexualidade, muitos indivíduos ainda se deparam com preconceitos após a revelação, o que acarreta na fragilização da saúde dessas pessoas.

Nas seis matérias analisadas com enfoque na homossexualidade, o tema suicídio aparece como resposta a um cenário social hostil, ou seja, como uma das possíveis consequências dos preconceitos e discriminações sofridas pelos sujeitos autodeclarados homossexuais. Apenas na notícia mais recente, de 19 de setembro de 2016, o suicídio era o tema principal e, ainda assim, não se tratava de um texto com foco no autoextermínio de homossexuais, mas sobre o aumento de casos de suicídio entre os jovens, com uma breve menção à vulnerabilidade dos adolescentes homossexuais, bissexuais e transgêneros. Portanto, ainda é inexistente na mídia impressa analisada textos que discorram especificamente sobre o comportamento suicida entre a população LGBT e que, desse modo, possam contribuir para a divulgação de informações a respeito desse fenômeno.

Ao contrário das notícias com maior destaque para a homossexualidade, em quatro das cinco matérias analisadas com a presença do termo “transexual(is)” o suicídio não é descrito como um dos efeitos da discriminação, mas como resultado da própria vivência da transexualidade. Em todas as matérias, o “suicídio” é mencionado uma única vez, majoritariamente associado à prática de automutilação decorrente da repulsa ao próprio corpo. Além disso, nesses trechos do texto, o autoextermínio diretamente relacionado à rejeição corpórea advém da narrativa de profissionais da saúde e de magistrados, cuja posição de poder lhes confere autoridade para serem reconhecidos como porta-vozes dessa área de conhecimento (Foucault, 2014). Curiosamente, em apenas uma notícia, na qual o suicídio aparece no relato de uma jovem transexual, o termo é abordado de maneira similar ao ocorrido nas matérias focadas nos homossexuais, como um fenômeno decorrente das violências sociais, das agressões transfóbicas, não da aversão ao corpo.

A associação do suicídio a um dos aspectos negativos da vivência da transexualidade pode reforçar a patologização da identidade transgênera e fortalecer a equívoca crença de sujeitos que enxergam as pessoas trans como anormais. Ao contrário do que já ocorreu com a homossexualidade, que é uma taxonomia psiquiátrica criada na segunda metade do século XIX (Foucault, 2015) e que teve a sua tipificação patológica retirada dos manuais de classificação doenças ao final do século XX (Mott, 2006), ou seja, deixou de estar inscrito no discurso médico institucionalizado (Spink & Medrado,

2013), a transgeneridade permanece no rol dos adoecimentos mentais (Bento, 2017). A classificação da travestilidade e da transexualidade entre os transtornos mentais e comportamentais persiste, a despeito do esforço de correntes da área de saúde no Brasil, como a campanha realizada pelo Conselho Federal de Psicologia, que buscam despatologizar as identidades trans e travestis (Jesus, 2015).

Das cinco matérias analisadas com a presença dos termos “transexual(is)” relacionados ao suicídio, em três o foco é a vivência da transexualidade e a garantia de direitos sociais dessa população, enquanto nas outras duas há apenas uma breve menção à população transexual. Nessas duas notícias, o tema central da matéria do dia 27 de julho de 2014 é o controle da Aids entre profissionais do sexo e a outra, do dia 27 de janeiro de 2014, trata de transtornos sexuais, com foco nas disfunções sexuais. Uma vez que a relação entre a identidade trans feminina e a prostituição é uma realidade que resulta da discriminação no mercado de trabalho, sobretudo entre as travestis (Kulick, 2008), infere-se que a notícia não realiza uma correspondência equívoca proposital. No entanto, a matéria que inclui a identidade trans entre as disfunções sexuais (dentre as quais estão o vaginismo, ejaculação precoce, entre outras) comete um erro conceitual, pois enquanto a primeira se refere à identidade de gênero, a outra está relacionada a aspectos da sexualidade humana. Além do erro conceitual, nessa matéria também se encontra um descuido gramatical com o trecho: “um transexual feminino”.

O erro gramatical que atribui o tratamento correspondente ao gênero designado no nascimento às pessoas trans e às travestis gera constrangimento e desconforto a essas populações. Embora seja menos recorrente em matérias jornalísticas atuais, ainda é possível encontrar notícias com essas incorreções. Além da matéria sobre os transtornos sexuais, há outra que também cometeu esse equívoco. Publicado no dia 10 de novembro de 2004, o texto discorre sobre a conquista do direito de uma mulher transexual de mudar o nome em seus documentos. Nas passagens em que é mencionada, encontram-se: “Um transexual conseguiu (...)”; “(...) à realidade vivida por ele”. Como a matéria é de 2004, é possível deduzir que os erros apontados derivem da pouca assimilação das formas corretas de se referir à população transgênera nesse período.

O caso Kaike: suicídio ou homicídio?

Duas matérias analisadas com a presença da palavra “gay” abordam a ampla repercussão em torno da morte de Kaike Augusto Batista dos Santos, de 16 anos, em janeiro de 2014. A polêmica sobre o falecimento do jovem, divulgada nas principais mídias do país, decorreu da ambiguidade em relação à causa de sua morte. O boletim de ocorrência realizado pela Polícia Civil registrou óbito por suicídio, alegando que o rapaz havia se atirado de um viaduto na cidade de São Paulo. Contudo, ao realizar o reconhecimento do falecido, a família identificou marcas de tortura em diversas

regiões do corpo, como se o adolescente tivesse sido espancado. A partir daí, passaram a negar o registro de suicídio, afirmando que Kaike fora vítima de um homicídio.

Ambas as matérias não fazem defesas das apreciações da família ou da polícia, apenas expõem o contexto e abordam as repercussões em torno do ocorrido, uma vez que várias entidades LGBTs e de defesa de direitos humanos se manifestaram em relação ao caso. A pressão social por um posicionamento foi intensa, de forma que a ministra da Secretaria dos Direitos Humanos na ocasião, a deputada federal Maria do Rosário, designou o Diretor Nacional de Combate à Discriminação LGBT para acompanhar a investigação.

Além da mobilização dos movimentos sociais, o interesse midiático pela morte de Kaike, jovem negro e pobre, estava relacionado à sua homossexualidade, conforme é possível evidenciar na escolha dos termos que figuram as manchetes das duas notícias, que focam em sua orientação sexual: “Corpo de rapaz gay tem marcas de tortura” (17/01/2014) e “Divergências sobre a morte de gay” (18/01/2014). O uso da palavra gay em ambas as manchetes acaba por dar mais ênfase à orientação sexual do que à possibilidade de ter havido um crime de assassinato. Essa constatação torna-se notória diante da crescente quantidade de adolescentes negros que morrem diariamente no Brasil, sobretudo vítimas de homicídio, conforme aponta o *Mapa da Violência 2014: Homicídios e Juventude no Brasil* (Waiselfisz, 2014), mas que não recebe o mesmo espaço na mídia, apenas quando envolve um grande número de óbitos.

Ainda que as duas notícias tenham se voltado para a indeterminação da causa da morte de Kaike, ambas não abordaram o fato de que, em se tratando de um adolescente homossexual, tanto o suicídio quanto o homicídio podem ser reflexos da difusa homofobia na sociedade brasileira. O autoextermínio entre adolescentes LGBTs costuma ser mais frequente em comparação aos jovens heterossexuais e cisgêneros (Mustanski & Liu, 2013; Teixeira-Filho & Rondini, 2012) devido ao preconceito e a discriminação. Ademais, o índice de assassinatos a LGBTs no Brasil também é elevado, conforme apontam as informações do *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil* e os dados hemerográficos anuais produzidos pelo Grupo Gay da Bahia.

Considerações finais

Quando dois temas tabus estão relacionados em um contexto, é ainda mais provável que a sua menção seja evitada pelos tradicionais veículos de comunicação. O suicídio, assim com as orientações sexuais não heterossexuais e a transgeneridade, são alvos de preconceitos alimentados pelo desconhecimento e pelos valores morais apregoados por crenças conservadoras. Em relação à presença do tema LGBTfobia nos meios de comunicação, Oliveira (2014) observa que os dados veiculados pela mídia costumam ser residuais, baseados em um enquadramento que ainda é atravessado pela moral heterossexual e patriarcal.

Portanto, analisar práticas discursivas sobre LGBTs na mídia é também se deparar com as narrativas cotidianas, com o senso comum e o juízo de valores. Em relação à notabilidade desses grupos neste trabalho, a baixa presença dos termos “lésbica(s)”, “bissexuai(s)” e “travesti(s)” relacionados ao suicídio é similar aos dados encontrados em outra pesquisa, que averiguou a representatividade de LGBTs em 252 notícias, publicadas entre 1º de janeiro e 30 de junho de 2013. Nesse trabalho, também se evidenciou pouca visibilidade na mídia entre esses três grupos (Froemming & Bacci, 2014).

Portanto, é preciso que os meios de comunicação mais populares não somente denunciem em suas matérias os impactos sociais negativos da homofobia, mas também incluam em suas matérias com maior frequência as lesbofobias, as bifobias e as transfobias, pois há especificidades de violências em cada um desses grupos que precisam ser divulgados, de forma que seja possível aumentar a capacidade de identificação dessas agressões à população LGBT.

Na diferença encontrada entre as práticas discursivas relacionadas aos termos “homossexual(s)” e “transexual(is)”, é possível inferir que o enfoque no suicídio como repercussão trágica da vivência trans reflete a concepção patológica da transexualidade cuja gênese se encontra na própria pessoa, desconsiderando os impactos da transfobia na fragilização psíquica de sujeitos suscetíveis a terem seus direitos fundamentais violados cotidianamente, o que poderia ter maior implicação no comportamento suicida dessa população.

Publicações na mídia que relacionem as práticas LGBTfóbicas ao comportamento suicida é uma forma de evidenciar o impacto negativo do preconceito e da discriminação na saúde mental da população de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Por mais que o transtorno mental seja apontado como um dos principais fatores de risco para o suicídio (Botega, 2015), é preciso que o entendimento sobre o fenômeno não se restrinja à perspectiva biomédica, mas que também destaque a influência dos aspectos socioculturais na saúde mental. Essa necessidade se torna ainda mais relevante ao abordar o comportamento suicida de uma população que permanece reivindicando que as suas existências sejam despatologizadas, tanto dos discursos científicos como da inteligibilidade social.

Finalmente, é importante ressaltar que pesquisas relacionadas à saúde mental da população LGBT é uma forma de atender a uma solicitação presente na Política Nacional de Saúde Integral LGBT (Brasil, 2012). Portanto, ainda que este trabalho esteja voltado para a produção discursiva em matérias jornalísticas da mídia impressa, identificar a construção de sentidos em torno do suicídio é uma forma de alertar as instituições midiáticas sobre seus equívocos e acertos, na busca pelo aprimoramento da notícia, viabilizando também as desmistificações errôneas e preconceituosas em torno do autoextermínio e da população LGBT.

Referências

- ADAMS, Carol. *Política sexual da carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina*. São Paulo: Alaúde, 2012.
- ALMEIDA, Ana Filipa. O efeito de Werther. *Análise Psicológica*. n. 1, 8: 37-51, 2000.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. *Suicídio: informando para prevenir*. Brasília: ABP, 2014.
- BAÉRE, Felipe de, ZANELLO, Valeska & ROMERO, Ana Carolina. Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero?. *Revista Bioética*. n. 23, 3: 623-633, 2015.
- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. A diferença trans no gênero para além da patologização. *Revista Periódicus*. n. 1, 5: 87-100, 2016.
- BARBOSA, Bruno Cesar . “Doidas e putas”: usos das categorias travesti e transexual. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*. 14: 352-379, 2013.
- BARRERO, Sérgio Perez. Os sobreviventes e o seu manejo. In: CORRÊA, Humberto & BARRERO, Sérgio Perez (eds.). *Suicídio: uma morte evitável*. São Paulo: Atheneu. p. 187-195, 2006.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Editora Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BORILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BOTEGA, José Neury. *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- BRASIL. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (ed.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora. p. 151-172, 2016..

FOUCAULT, Michael . *A arqueologia do saber*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. 24ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michael. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FROEMMING, Cecilia, & BACCI, Irina. *As princesas fora do lugar: notícias de violência contra travestis*. In: Diniz, Debora & OLIVEIRA Rosana Medeiros de. *Notícias de homofobia no Brasil*. Brasília: Letras Livres. p. 121-140, 2014.

GERGEN, Kenneth. *O movimento do construcionismo social na psicologia moderna*. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*. n. 6, 1: 299-325, 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do jovem Werther* (M. Bracks, trad.). Porto Alegre: L&PM, 2001.

GRANT, Jaime, MOTTET, Lisa, TANIS, Justin, HERMAN, Jody, HARRISON, Jack, & KEISLING, Mara. *National transgender discrimination survey report on health and health care*. Washington, DC: National Center for Transgender Equality and the National Gay and Lesbian Task Force, 2010.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Relatório 2016 – assassinatos de LGBT no Brasil*, 2016. Disponível em: <<https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

HATZENBUEHLER, Mark. *The social environment and suicide attempts in lesbian, gay, and bisexual youth*. *Pediatrics*. n. 127, 5: 896-903, 2011.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Homofobia: identificar e prevenir*. Rio de Janeiro: Metanoia.

KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

MOTT, Luiz. *Homo-afetividades e direitos humanos*. *Estudos Feministas*. Florianópolis. 509-521, 2006.

MUSTANSKI, Brian & LIU, Richard. A longitudinal study of predictors of suicide attempts among lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. *Archives of Sexual Behavior*. n. 42, 3: 437-448, 2013.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. Notícias de homofobia: enquadramento como política. In: Diniz, Debora & OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. *Notícias de homofobia no Brasil*. Brasília: Letras Livres. 2014.p. 9-20, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária*. Genebra: OMS, 2000.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. *Prevención del suicidio: un imperativo global*. Washington, DC: Organización Panamericana de la Salud, 2014..

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*. n.4, 5: 17-44, 2012.

RUST, Paula Claire Rodriguez. Bisexuality: The state of the union. *Annual Review of Sex Research*. n. 13, 1: 180-240, 2002.

SILVA, Lúcia Cecília da. Suicídio: o luto dos sobreviventes. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Ed.), *Suicídio e os desafios para a psicologia*. Brasília: CFP. p. 59-64, 2013.

SPINK, Mary Jane (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/w9q43/pdf/spink-9788579820465.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2016.

SPINK, Mary Jane & Medrado, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In SPINK, Mary Jane (ed.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas (edição online)*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. p. 22-41, 2013.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios. *Labrys: Estudos Feministas (online)*. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys1_2/femles.html>. Acesso em: 14 jan. 2017.

TAVARES, Marcelo da Silva Araújo (2013). Suicídio: o luto dos sobreviventes. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Suicídio e os desafios para a psicologia*. Brasília: CFP. p. 45-58, 2002.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva & RONDINI, Carina Alexandra (2012). Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade, São Paulo*. n. 21, 3: 651-667.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Juventude VIVA - Mapa da violência 2014: Homicídios e juventude no Brasil, 2014. Brasília: Qualidade. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_AtualizacaoHomicidios.pdf >. Acesso em: 10 jan. 2017.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco. 1992.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Preventing suicide: a resource for media professionals*. Geneva: World Health Organization, 2008.

Recebido: 18.11.2017

Aceito: 08.05.2018